

# ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA

*Dr. Pe. Heraldo Pinto Farias, sss*

## 1- ESPIRITUALIDADE

Nos últimos tempos muito se tem falado e escrito sobre *espiritualidade*. Algo que já denota uma diversidade de posturas a respeito do assunto, envolvendo até mesmo, interferências culturais no decurso da história, mudando seu sentido e expressões na vida.

Com o passar dos tempos, a espiritualidade foi entendida apenas restrita ao campo religioso, sem qualquer conotação com as realidades humanas.

Influenciada pela filosofia grega (o dualismo platônico)<sup>1</sup>, a própria Igreja nos transmitiu que *espírito* e *espiritualidade* são realidades opostas ao corpo e à matéria. Isso influenciou a teologia e gerou uma separação entre a vida espiritual e a vida material. Com esse pressuposto, pensava-se que, quanto maior fosse o desprezo pelo corpo, pelo material, mais espiritual seria uma pessoa ou um grupo; quanto mais fugisse da realidade, da história, mais próxima de Deus estaria<sup>2</sup>.

### 1.1- O QUE É ESPIRITUALIDADE

Mas, o que é espiritualidade, então? A nossa mais antiga Tradição cristã não entendia dessa maneira. O *espírito* (do hebraico – *ruáh*, do grego – *pneuma* – *sopro, hálito, vento*) é o próprio Espírito de Deus que pairava sobre as águas desde o princípio dos tempos (cf. Gn 1,2), como “vento impetuoso” (cf. Sl 33,6; 1Rs

---

<sup>1</sup> Existem também influências da filosofia medieval e moderna. Para isso, cf. BARONTO, Luiz Eduardo. *Laboratório Litúrgico pela inteireza do ser na vivência ritual*, p144-148.

<sup>2</sup> Os textos paulinos referentes à vida no Espírito não fazem uma distinção entre espírito e corpo ou matéria. Mas sim, entre espírito e carne. Assim sendo, corpo e espírito são a pessoa em sua totalidade, não podendo ser uma ou outra coisa indistintamente, ou em momentos separados. Cf. Rm 8,1-17; 1Cor 15,35-44; Gl 5,13-26.

19,11, Jó 1,19, Is 27,8) que revela Deus através de sua Palavra criadora<sup>3</sup>. *Espírito* aqui é uma força dinâmica e criadora provinda do próprio Deus<sup>4</sup>.

Na tradição bíblica, portanto, *Espírito* é entendido como vento, sopro de vida, respiração, hálito, vento que oxigena e faz viver, que dá sentido à vida. E, como o espírito é a dimensão essencial da pessoa humana, é nesse espírito que Deus faz habitar o seu próprio Espírito (cf. At 2,17; 4,31; 5,32; 1Cor 2,11-12; 3,16; 6,19).

Assim sendo, devemos também repensar a própria concepção de ser humano, para rompermos com o dualismo platônico, presente ainda hoje entre nós. O ser humano não é formado por partes em si mesmas e separadas, mas é uma totalidade complexa e articulada como um todo orgânico. Em sua totalidade, o ser humano é formado de corpo-mente-alma<sup>5</sup>. As três são indissociáveis<sup>6</sup>, pois provêm de Ruáh (sopro divino, energia

---

<sup>3</sup> Essa mesma Palavra será entendida como a ação do Deus encarnado – Jesus Cristo (cf. Jo 1,1-14).

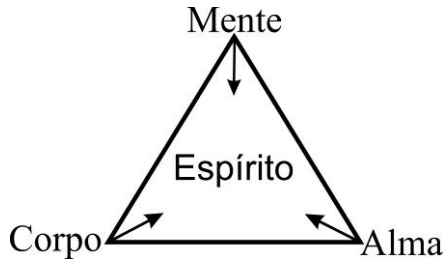
<sup>4</sup> Cf. BINGEMER, Maria Clara L. e FELLER, Vitor Galdino, *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*. Col. Livros básicos de teologia, Teologia Sistemática: Trindade e graça I, vol. 6. Ed. Siquem, Valencia, 2002, p. 100; MATEOS, Manuel Díaz, *A vida nova: fé, esperança e caridade*. Col. Teologia e libertação, série III: A libertação na história, vol. 4. Vozes, Petrópolis, 1993, p. 54-55.

<sup>5</sup> O Catecismo da Igreja Católica (= CIC) nos dá a diferença existente entre a alma e o espírito: a alma está relacionada ao que é racional no ser humano, à sua inteligência e vontade. “Muitas vezes o termo alma designa na Sagrada Escritura a vida humana ou a pessoa humana inteira. Mas designa também o que há de mais íntimo no homem e o que há nele de maior valor, aquilo que mais particularmente o faz ser imagem de Deus: ‘alma’ significa o princípio espiritual no homem”: CIC 363. Cf. CIC, 33, 362, 364, 1934. O espírito é aquele que procede de Deus e está ligado aos sentimentos. “Essa necessidade de associar os sentidos à oração interior responde a uma exigência de nossa natureza humana. Somos corpo e espírito, e sentimos a necessidade de traduzir exteriormente nossos sentimentos. É preciso rezar com todo o nosso ser para dar à nossa súplica todo o poder possível”: CIC, 2702, cf. 327.

<sup>6</sup> “O homem é ‘corpore et anima unus’ (uno de corpo e alma). A doutrina da fé afirma que a alma espiritual e imortal é criada diretamente por Deus”: CIC, 382 . “Por vezes ocorre que a alma aparece distinta do espírito. Assim, São Paulo

criadora), o espírito (pneuma) que perpassa as outras três dimensões humanas, dando-as unidade e sentido<sup>7</sup>.

Graficamente podemos representar essa compreensão da seguinte maneira:



Compreendendo *espírito* como sopro de vida, aquilo que dá sentido à vida da pessoa e, por decorrência, compreendendo o ser humano como uma totalidade complexa e inter-relacionada entende-se que *espiritualidade* seja algo muito concreto, histórico, que revela a pessoa em seu todo. Espiritualidade é aquilo que dá sentido à vida de alguém, que determina seu modo de pensar e de agir no mundo, “... suas motivações maiores e últimas, seu ideal, sua utopia, a mística pela qual vive e luta e com a qual contagia”<sup>8</sup>. É, portanto, mais do que uma “maneira de ser”. É uma “maneira de viver”.

## 1.2 - ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

Ao entender espiritualidade como a maneira de viver, toda pessoa ou grupo possui uma *espiritualidade* que irá identificá-lo e,

---

ora para que nosso ‘ser inteiro, o espírito, a alma e o corpo’, seja guardado irrepreensível na Vinda do Senhor (1Ts 5,23). A Igreja ensina que esta distinção não introduz uma dualidade na alma. ‘Espírito’ significa que o homem está ordenado desde a sua criação para seu fim sobrenatural, e que sua alma é capaz de ser elevada gratuitamente à comunhão com Deus’: CIC, 367, cf. 365.

<sup>7</sup> Cf. CIC, 382; BARONTO, Luiz Eduardo. *Laboratório Litúrgico pela inteireza do ser na vivência ritual*, p. 151-154.

<sup>8</sup> CASALDÁLIGA, Dom Pedro, *Nossa espiritualidade*, 2ª ed., Paulus, São Paulo, 1998, p. 8.

ao mesmo tempo, distingui-lo, implicando na diversidade de espiritualidades existentes. Os cristãos também possuem uma espiritualidade própria – a espiritualidade cristã. Ela contém elementos estruturais que nos dão um arcabouço tradicional, comum a todo cristão: a humanidade de Jesus Cristo; o Reino de Deus; o Espírito Santo; o Evangelho (a Palavra de Deus); a Igreja (vida comunitária - a história) e a oração (liturgia), entre outros.

Deus, fazendo-se humano em seu Filho Jesus Cristo pela encarnação, através do seu modo de viver, deixou-nos, como discípulos e discípulas seus, um ideal, uma mística a ser vivida. A primeira e maior característica ou exigência da espiritualidade cristã é, portanto, o *seguimento à pessoa de Jesus Cristo*.

Isso implica em dizer que o nosso viver é Cristo (cf. Fl 1,21); que caminhamos em seu seguimento à conformidade de nossas vidas com a dele. Seguir a Jesus é estar, como ele, em comunhão com Deus e na fidelidade ao seu projeto de aliança com a humanidade (cf. Jo 4,34), tornando-nos seus irmãos e irmãs (cf. Mt 12,46-50). Seguir a Jesus implica em assumir sua prática, seu programa de vida (cf. Lc 4,18-21), para assim, manifestar o Reino de Deus, sabendo discernir os sinais e o próprio ritmo do Reino (cf. Mc 4,30-32). Como nos orienta a Igreja: *“as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano, que não lhes ressoe no coração”* (GS 1).

Quem nos orienta a tal fidelidade é o Espírito Santo. O cristão é aquele que se deixa guiar pelo Espírito Santo que vai orientando sua vida cotidiana: familiar, profissional, social, política e eclesial, no hoje de sua história (cf. 1Cor 12,1-10; Gl 5,25). Somente o Espírito pode configurar a pessoa a Jesus (cf. Jo 14,15-26; 15,26-27).

A espiritualidade cristã, além de ser expressa no seguimento a Jesus, na fidelidade a Deus, sob a orientação do

Espírito Santo, é também eclesial, ou seja, é *comunitária*. É na comunidade cristã dos discípulos e discípulas de Jesus que temos a nossa identidade. É no cotidiano dos confrontos, conflitos e desafios comunitários que vamos experimentando e fazendo acontecer o ideal da vida em Cristo que nos torna um, unidos ao seu Corpo pelo mesmo Espírito (cf. 1Cor 10,14-17; 12,13). Na comunidade cristã vamos aprendendo a arte de viver o batismo, apropriando-nos do projeto de Deus.

E, para não perder a memória do Senhor, mantendo-nos fiéis ao Pai e no seguimento a Jesus, nossa espiritualidade cristã é litúrgica, ou seja, *celebrante*. Celebramos o próprio mistério do Senhor que, por sua morte e ressurreição, tornou *mistérica* a nossa vida, até podermos dizer como Paulo: “*Fui crucificado junto com Cristo. Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim*” (Gl 2,19b-20). A liturgia nos ajuda a crescer na intimidade com Deus, chamando-o de paizinho (cf. Mc 14,36; Rm 8,15).

A liturgia é a primeira e principal norma do agir cristão. O mistério celebrado dá ao cristão tanto o conteúdo da sua fé<sup>9</sup>, quanto a forma do seu viver.

Em resumo, podemos dizer que espiritualidade cristã é a vida em Cristo<sup>10</sup>, movida e guiada pelo Espírito Santo. É a vida no próprio Espírito de Jesus Cristo. É a vida de seguimento a Jesus, não mais segundo a carne, mas segundo o Espírito Santo, aquele que inspira e configura toda a vida do cristão (cf. Lc 10,38-42).

---

<sup>9</sup> Daí o adágio deixado por Próspero de Aquitânia (V séc.): “*Legem credendi lex statuat supplicandi*”, ou em sua forma resumida: “*Lex orandi, lex credendi*”. Isto é: a lei da oração é a lei da fé, pois a lei da fé é definida ou determinada pela lei da oração. De fato, a Igreja crê a partir e conforme o que ela mesma reza.

<sup>10</sup> Para Nicolau Cabasilas a vida em Cristo consiste na vivência dos sacramentos, vida que tem nos sacramentos da iniciação cristã a sua fonte. Cf. CABASILAS, Nicola, *La vita in Cristo*, Città Nuova, Roma 2005.

Espiritualidade essa, vivida na comunidade cristã, tendo como fonte e cume a liturgia.

## **2 - A LITURGIA COMO FONTE E CUME DA VIDA ESPIRITUAL**

Um dos problemas com os quais nos deparamos na relação do cristão com a liturgia é o de tratá-la como rituais externos, desprovidos de qualquer “espírito”, enquanto normatividade a ser executada; ou como puro dever religioso a ser observado.

A compreensão da espiritualidade litúrgica pode nos ajudar a romper com tais preconceitos e assumir o nosso celebrar como valor para o agir cristão, fonte e cume da vida espiritual. Porque a liturgia é o espaço privilegiado para alimentar a fé cristã, imprimindo em nosso cotidiano um estilo de vida conforme o que celebramos e professamos.

### **2.1 - ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA**

Entendendo espiritualidade enquanto atitude de vida, ou modo de viver de uma pessoa e que, para o cristão, esse modo de viver tem como referencial Jesus Cristo, podemos definir a espiritualidade litúrgica<sup>11</sup> enquanto atitude fundamental do cristão que, movido pelo Espírito Santo, insere-se na obra salvífica de Cristo<sup>12</sup>, participando do seu Mistério Pascal através dos diversos atos litúrgicos, principalmente dos sacramentos de iniciação cristã, tornando-os fonte e cume de sua vida, em vista do crescimento e amadurecimento da fé e da manifestação do Reino de Deus na história, até a sua realização definitiva, pois a liturgia “... é a

---

<sup>11</sup> Cf. NEUNHEUSER, B., *Espiritualidade litúrgica*. In: SARTORE, Domenico & TRIACCA, Achille M., *Dicionário de Liturgia*, p. 371; BUYST, Ione, *Espiritualidade litúrgica latino-americana ("da libertação")*, inédito; CNBB, *Animação da vida litúrgica no Brasil. Elementos de Pastoral Litúrgica*, 43, n.160.

<sup>12</sup> Mais do que inserir-se, o cristão é inserido pelo próprio Cristo na história da salvação.

primeira e necessária fonte, da qual os fiéis haurem o espírito verdadeiramente cristão”<sup>13</sup>.

É, portanto, a liturgia que leva o cristão a uma maior autenticidade de vida, porque brota da participação salvadora no Mistério Pascal de Cristo (cf. Rm 6,1-11; Fl 2,5-11; 3,8-14; Cl 2,6-3,17), para atualizá-lo no seu cotidiano (cf. Gl 2,19-21).

## 2.2 - A CELEBRAÇÃO DO MISTÉRIO DO SENHOR COMO FUNDAMENTO DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

Quando nos reunimos em assembleia, sobretudo por ocasião da Eucaristia, estamos realizando o mandato de Jesus: “... Façam isto em memória de mim” (Lc 22,19b). Desde os primeiros tempos do cristianismo, o domingo<sup>14</sup> é o dia por excelência para fazer essa memória do Senhor celebrando sua morte e ressurreição. Por isso esse dia se tornou o primeiro e o mais importante da semana.

Fazer memória vai para além do lembrar. Possui um duplo movimento: **ascendente** – recordamos os feitos de Deus na história, alegrando-nos por ter feito maravilhas em nosso favor; e **descendente** – pedimos que Deus, não se esquecendo desses feitos, continue agindo na história. Por isso, o memorial é sempre realização, atualização das ações de Deus, que para nós cristãos, encontram em Jesus sua plena manifestação por sua entrega na cruz, selando a nova e eterna aliança.

Jesus, antes mesmo de morrer, quis ensinar aos seus discípulos o sentido último do seu mistério. Anunciou-lhes a sua morte (cf. Mc 9,31b) como consequência da sua fidelidade ao projeto do Pai. Morte que será provocada e planejada pelos chefes religiosos e políticos, aqueles que armaram ciladas contra o justo (cf. Sb 2,12a.17-20). Quiseram, movidos pela ambição, destruir o

---

<sup>13</sup> Constituição *Sacrosanctum Conclium* (=SC), 14. “...A Liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda a sua força”: SC 10.

<sup>14</sup> Cf. Mt 28,1; Mc 16,2; Lc 24,1; Jo 20,1.19; At 20,7; 1Cor 16,2; Ap 1,10.

projeto de Jesus através da eliminação de sua vida. Mas ele não se intimidou. Deu continuidade à missão recebida do Pai. Por causa da sua fidelidade o Pai o ressuscitou, aprovando suas ações e revelando-se totalmente como o Deus da vida e não da morte.

Os discípulos, num primeiro momento, não compreenderam a missão do mestre. Queriam e disputavam poderes e prestígios. Continuando o ensinamento até mesmo em casa, Jesus revelou aos discípulos que quem quisesse ser o primeiro e o maior deveria tornar-se o menor e o servidor de todos (cf. Mc 9,33-35). Como aconteceu ao mestre, os discípulos, sendo fiéis ao projeto de Deus, também receberiam perseguições, e até mesmo a morte (cf. Jo 15,20).

Fazer a memória do Senhor é participar do seu mistério de morte e ressurreição (cf. SC 2; 5). Em outras palavras, fazer a memória do Cristo é participar, é entrar em comunhão com o seu corpo (tornar um só corpo com ele e com os irmãos); é participar do seu destino: morte (morrer para o pecado e toda forma de não vida e, na manifestação do Reino, se necessário, assumir a cruz como consequência); é participar da ressurreição na vida que brota da sua entrega, vivendo na dignidade de filhos de Deus. É passar da noite para o dia, das trevas para a luz.

Ao celebrar o mistério do Cristo, ele mesmo, por seu Espírito, vai moldando o cristão à sua estatura, para que assuma a sua vida pela participação em seu mistério (cf. At 20,7-12). Assim, é através da liturgia (dos sacramentos, em particular, da Eucaristia e da oração do Ofício Divino<sup>15</sup>), que o cristão vai tornando sua vida mais cristã, aderindo e assemelhando-se a Cristo.

### 2.3 - O ANO LITÚRGICO COMO CAMINHO ESPIRITUAL

Celebramos o mistério de Jesus no espaço e no tempo. Dessa maneira, o espaço onde realizamos nossas celebrações do mistério, pela importância que possui, é sempre espaço da

---

<sup>15</sup> A reforma conciliar dá o nome de Liturgia das Horas.



manifestação de Deus. Espaço que, através da beleza, não de mera suntuosidade (cf. SC 124), fale das coisas do alto, expressando o mistério pascal do Cristo (cf. SC 122).

Na liturgia nosso tempo cronológico é transformado em tempo de Deus – *kairológico*. Tempo da ação de Deus, que sempre agiu em favor do seu povo. Em nosso tempo, porém, marcamos os dias e festas para melhor celebrar o mistério do Senhor e ele, com a força do seu Espírito, age nesse tempo, não se limitando a ele.

Durante o ano litúrgico fazemos uma caminhada espiritual e vamos, progressivamente, penetrando os mistérios de Jesus Cristo, celebrando e fazendo memória da obra salvífica de Deus em seu Filho. Para facilitar tal caminhada o nosso ano litúrgico é dividido em três ritmos: diário, semanal e anual.

**O ritmo diário** nos é dado pela celebração do Ofício Divino. Através da oração com os salmos, celebração que tem a dignidade da presença do Cristo (cf. SC 7) e também é destinada aos fiéis leigos (cf. SC 100), a Igreja louva o Senhor e intercede pela salvação do mundo.

“Por antiga tradição cristã o Ofício Divino está constituído de tal modo que todo o curso do dia e da noite seja consagrado pelo louvor de Deus” (SC 84). Sua finalidade é a de santificar o dia e toda a atividade humana (cf. IGLH 11), pois o Cristo nos exortou para orarmos sempre (cf. Lc 18,1).

O Ofício Divino possui uma estrutura pascal tanto internamente em cada hora como no decurso do dia. O que encontramos, por exemplo, nas duas horas principais (cf. SC 89a): os salmos da manhã nos convidam a unirmo-nos a toda a criação que se alegra com o novo dia, pois a noite passou. As trevas foram vencidas pela luz; a morte foi vencida pela ressurreição. Fazendo a memória da ressurreição do Cristo, recordamos a criação divina e com ela, fazemos oferta a Deus do novo dia e de nós mesmos. Com a oração do fim do dia recordamos a morte de Cristo como caminho para a vida plena em Deus, pois finda o dia, mas não finda nossa confiança em Cristo, nossa luz, que venceu as trevas. Por

isso, evocamos o dia sem ocaso e sem noite, por causa da ressurreição de Jesus.

**O ritmo semanal** tem como eixo o dia do Senhor, o domingo, fundamento e núcleo do ano litúrgico (cf. SC 106). Até o fim do primeiro século, provavelmente, não havia uma celebração anual do Mistério Pascal. Por isso, a ressurreição de Cristo, celebrada semanalmente desde as primeiras comunidades cristãs ganhou importância em relação à celebração anual da Páscoa judaica (cf. Mt 28,1; At 20,7-12; 1Cor 16,2; Ap 1,10). Nesse dia proclamava-se a páscoa de Jesus, que era o centro das pregações apostólicas nas celebrações do Batismo (cf. Rm 6,1-11) e da Eucaristia (cf. 1Cor 11,17-33). Assim, hoje nos reunimos para ouvir a Palavra de Deus e participar do banquete, da ceia do mistério do Senhor (cf. SC 106).

O domingo tornou-se o dia de festa da memória perigosa do Senhor. Memória que ilumina a vida, o cotidiano. Dia de descanso, quando proclamamos que o tempo pertence a Deus (cf. SC 106). Daí, o tempo de parada para celebrar torna-se tempo kairológico. Proclamamos que ninguém tem o direito de nos dominar ou escravizar, pois a vida pertence a Deus: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.” (Mt 22,21). Interromper o ritmo cotidiano é dizer que a vida tem sentido, e este sentido é expresso e compartilhado em comunidade: dimensão religiosa e social do descanso.

É o domingo que dá a tônica, a espiritualidade pascal da semana. Eis o motivo pelo qual “as outras celebrações não se lhe anteponham, a não ser que realmente seja de máxima importância, pois que o domingo é o fundamento e o núcleo do ano litúrgico” (SC 106).

Já o **ritmo anual** possui dois ciclos: do natal, com os tempos do advento e do natal; e o ciclo da páscoa, com os tempos da quaresma e da páscoa; além do tempo comum, dividido em 33 ou 34 semanas. As semanas são marcadas pela leitura semi-contínua dos textos bíblicos nos anos pares e ímpares. Aos

domingos fazemos o caminho espiritual proposto por cada evangelista: ano “A” – Mateus, ano “B” – Marcos, ano “C” – Lucas.

Assim, no decurso do ano é revelado todo o mistério de Cristo, desde a encarnação e natividade, até a ascensão, pentecostes e a feliz espera da volta do Senhor (cf. SC 102). Caminho espiritual para nos assemelharmos cada vez mais ao Cristo, nossa páscoa, tornando nossa vida, nosso cotidiano, nosso agir mais pascal.

## 2.4 - PARTICIPAÇÃO PLENA, CONSCIENTE, ATIVA E FRUTUOSA NA LITURGIA

É muito comum ouvirmos em nossas comunidades, frases como: “o padre ‘tal’ vai celebrar”; ou: “vou assistir à missa”, sem percebermos o alcance de tais afirmações. Ora, na realidade, não é bem isso que acontece quando falamos de celebração. E, principalmente, quando falamos da Celebração Eucarística.

A vivência da espiritualidade litúrgica não é algo pronto, acabado. Ela é feita em um caminho que exige disposição pessoal para participar do mistério celebrado. Lidamos aqui com o princípio da *participação*, exigência da própria natureza da liturgia.

Etimologicamente **participar**, do latim - *participatio*, significa *tomar parte de*, como sinônimo de *adesão*, *intervenção*. Significa, portanto, *ter relação com*, *estar em comunhão*.

A Igreja afirma que ela deseja “que todos os fiéis sejam levados àquela plena, consciente e ativa participação das celebrações litúrgicas, que a própria natureza da liturgia exige e à qual, **por força do batismo**, o povo cristão, ‘geração escolhida, sacerdócio régio, gente santa, povo de conquista’..., tem direito e obrigação” (SC 14; cf. 48).

Isso implica dizer que, todo fiel participa da liturgia. Mais ainda, que todo fiel celebra a liturgia. E isso lhe é conferido pelo Sacramento do Batismo, donde emana sua condição sacerdotal.

É na liturgia que os membros da Igreja, por estarem reunidos em assembleia, fazem parte do corpo místico de Cristo, do qual ele é a cabeça (cf. SC 7). Aí participam, se envolvem, entram em comunhão com a maior forma de participação de Deus na história, quando entregou seu Filho único para a nossa salvação.

Mas isso não significa que a participação se dá de maneira automática ou puramente normativa. Existem níveis dessa participação, como afirmou o Concílio Vaticano II: uma participação plena, consciente e ativa de todos na ação ritual.

**A participação plena** é progressiva. Na celebração e a cada celebração, todos vamos penetrando o Mistério na busca da identificação com o Cristo - sua missão, sua morte e ressurreição. Vamos crescendo na comunhão com o Pai, buscando adquirir “os mesmos sentimentos de Cristo Jesus” (Fl 2,5), por causa da ação do Espírito.

**A participação consciente** equivale ao sentido teológico-litúrgico que os fiéis vão tendo da celebração. Também é progressiva e necessita de uma catequese. Quanto mais se compreende o que é ritualizado, mais se penetra no Mistério, porque sabe e aceita o que Deus vai realizando em cada um e na comunidade celebrante. O que não se reduz ao puro racional, mas depende da fé no Mistério celebrado<sup>16</sup>.

**A Participação ativa** envolve o corpo, a sensibilidade, as atitudes externas que compreendem o andar, cantar, sentar, levantar, dar as mãos, abraçar, conduzir objetos, comer, beber. Não como mero movimentar-se, pois a participação ativa implica no envolvimento consciente a partir da própria dinâmica ritual, o que é diferente de um movimentar-se alegórico ou meramente espontâneo.

---

<sup>16</sup> Cf. SC 9.

É o ser humano em sua totalidade que participa da ação ritual. Ser humano que toca e é tocado pelo mistério<sup>17</sup> através de sinais, símbolos, gestos e palavras.

Esses três níveis de participação na liturgia estão intimamente relacionados. Necessitamos da compreensão teológico-litúrgica para que entremos no jogo do rito conscientemente e possamos participar no e do Mistério de Jesus que celebramos.

Disso decorre a **participação frutuosa**<sup>18</sup> na liturgia daqueles que a tornam a fonte e o cume de suas vidas. São eles estimulados a viver a caridade do próprio Cristo<sup>19</sup>, transformando suas vidas e o seu cotidiano. Aqui estamos no campo da própria espiritualidade litúrgica: quem celebra o mistério do Cristo não retorna ao cotidiano da mesma forma. Sua vida torna-se a expressão daquilo que celebrou, ritualizou, acolheu na fé.

Mas, alguns cuidados são necessários para que o rito aconteça e facilite a participação:

#### **2.4.1 - A preparação**

A liturgia é uma ação de sinergia entre Deus e a comunidade. Esta, por sua vez, deve preparar e preparar-se para que o mistério seja celebrado, pois passa pelos sinais sensíveis, para levar a efeito a obra da salvação<sup>20</sup>. Disso decorre a

---

<sup>17</sup> Cf. BUYST, Ione. Alguém me tocou! Sacramentalidade da liturgia na Sacrosanctum Concilium (SC), Constituição conciliar sobre a Sagrada Liturgia. Em: *Revista de Liturgia*, Mar./Abr. 2003, 4-9.

<sup>18</sup> Cf. SC 11.

<sup>19</sup> Cf. SC 10.

<sup>20</sup> “Para levar a efeito obra tão importante, Cristo está sempre presente em Sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas... Com razão, pois, a liturgia é tida como o exercício do múnus sacerdotal de Jesus Cristo, no qual, mediante sinais sensíveis, é significada e, de modo peculiar a cada sinal, realizada a santificação do homem; e é exercido o culto público integral pelo Corpo Místico de Cristo, Cabeça e membros”: SC 7.

necessidade da organização de uma Pastoral Litúrgica que leve em conta a preparação das celebrações.

Além e no mesmo campo da Pastoral Litúrgica, o espaço litúrgico também contribui para uma boa ritualização do mistério, pois a ele deve relacionar-se, dele deve ser sinal, cuidando também que os objetos pertencentes ao culto divino sejam “... dignos, decentes e belos, sinais e símbolos das coisas do alto”<sup>21</sup>.

#### **2.4.2 - A ministerialidade**

A diversidade de ministérios expressa a riqueza do Corpo místico de Cristo – sua Igreja. É importante o investimento e a expressão de tal diversidade. Cada um desempenhando aquilo que lhe compete<sup>22</sup>. Eis a riqueza do Corpo de Cristo, que não se coaduna com a concentração de ministérios na ação ritual do seu Mistério.

#### **2.4.3 - A formação litúrgica**

A formação litúrgica solicitada pelo Concílio para todos os membros da Igreja<sup>23</sup> deverá levar em conta, em primeiro lugar, a relação com o corpo, para que ele, em sua totalidade, expresse o que se celebra.

No Brasil várias técnicas e métodos têm contribuído para uma formação litúrgica que contemple a pessoa em sua inteireza e unidade, entre eles encontram-se: o “laboratório litúrgico”<sup>24</sup>, que busca recuperar a unidade perdida entre o sentido teológico-litúrgico do rito e a sua ritualização, e o método da “leitura orante da Bíblia”, que tem sido um bom instrumento formativo e de

---

<sup>21</sup> SC 122.

<sup>22</sup> Cf. SC 28.

<sup>23</sup> Cf. SC 14-19.

<sup>24</sup> Cf. BARONTO, Luiz E. P., *Laboratório Litúrgico: pela inteireza do ser na vivência ritual*.

cultivo de uma espiritualidade cristã que dê importância à escuta da Palavra de Deus<sup>25</sup>.

## **CONCLUSÃO**

O cristão tem uma espiritualidade que o caracteriza e o distingue de outros, com outras espiritualidades. A espiritualidade cristã passa, necessariamente, pela liturgia. O cristão celebra o que crê e o conteúdo-forma do que ele crê é determinado pela liturgia, ou seja, por aquilo que ele celebra.

Pela liturgia o cristão é inserido num caminho espiritual de entrada e assimilação do mistério do Cristo, participando assim, da história da salvação. O ano litúrgico é o itinerário pedagógico para uma maior e melhor penetração no mistério celebrado, possibilitando ao cristão de ir, cada vez mais, assemelhando-se ao Cristo, sua salvação e esperança da páscoa definitiva.

Tudo isso exige do cristão disciplina e formação litúrgica, para que o seu celebrar seja sempre mais pleno, consciente, ativo e frutuoso, tornando a sua vida uma expressão daquilo que ele celebra, e fazendo da liturgia a fonte e o cume de toda a sua vida: do seu pensar e do seu agir.

Disso nasce a importância dos ritos (textos, gestos, símbolos) na liturgia, pois o que aí fazemos se torna “norma”, se torna forma teológica do agir cristão em seu cotidiano.

---

<sup>25</sup> Cf. A BÍBLIA NA FORMAÇÃO. 2ª ed. Col. Tua Palavra é vida. CRB/Loyola, São Paulo, 2000, p. 14ss.